

OS SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA AS JUVENTUDES DA ESCOLA JOÃO SEM TERRA

Kamila Costa de Sousa¹

Celecina de Maria Veras Sales²

Universidade Federal do Ceará

kamilacsousa@yahoo.com.br; celecinavs@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender os significados da educação do campo para as juventudes da Escola João Sem Terra, que fica localizada no Assentamento 25 de Maio, na cidade de Madalena – CE. Entendemos que a Educação do Campo tem suas raízes oriundas na educação popular (PALUDO, 2012) e sua finalidade é oferecer a população campesina conhecimentos que dialoguem com o contexto em que vivem, valorizando a cultura e saberes do campo (ARROYO, 1999), além de ser parte da luta pela Reforma Agrária (CALDART, 2012). Os sujeitos da pesquisa são entendidos não apenas como educandos/as da escola, mas principalmente como juventudes (PAIS, 1996), por considerarmos que a última categoria possibilita uma maior reflexão sobre os sentidos e as ações que são dadas por eles/elas, sujeitos sociais e históricos, no âmbito da escola. Estando na esfera da pesquisa social (MINAYO, 2012), utilizou técnicas qualitativas como o grupo de discussão, mas também combinou dados quantitativos, ao aplicar questionário. A pesquisa revelou que a educação do campo é para as juventudes uma educação de qualidade, que lhes proporciona à esperança de um futuro melhor, com condições favoráveis para a vida no assentamento. Entre os anseios das juventudes estão à continuidade dos estudos e a permanência ou não no campo, questões que se encontram confrontadas com a relação familiar, continuidade do assentamento e a busca pelo emprego e renda.

Palavras – chaves: Juventudes. Educação do Campo. Escola

ABSTRACT

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

² Doutora em Educação. Pós-Doutorado em Sociologia. Professora do Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

The objective of this research is to understand the meaning of rural education for youths on the countryside, at Escola João Sem Terra, at the Assentamento 25 de Maio, in the city of Madalena - CE. We understand that this rural education has its roots on the popular education (PALUDO, 2012) and its main objective is to offer the population who lives at the countryside knowledge that could be understood by the reality they live, valuing the culture and the acquaintance of the countryside (ARROYO, 1999), besides being part of the Agrarian Reform's fight (CALDART, 2012). The research individuals are understood not only just as school pupils but, above all, as youths (PAIS, 1996), because we consider that this category can make possible a bigger discussion on the meanings and actions given by them, social and historical individuals of the educational context. Being at the social research atmosphere (MINAYO, 2012), qualitative techniques were used, such as discussion group, but also matched quantitative databases through an application of a questionnaire. The Research showed that rural education is, for the youth, a kind of quality education which provides to the teenagers the hope of a better future, with great conditions for living at the camp. Among youths anxieties are the continuity of studies and the permanence or not on the countryside, questions that are usually confronted with family relation, permanence of the camp and the search for jobs and income.

A Educação do Campo no Brasil e suas relações com as juventudes

O campo, lugar marcado por exclusões e desigualdades, tendenciosamente identificado como o lugar do atraso, apresenta altos índices de analfabetismo da sua população como resultado do desamparo histórico que foram submetidos, culminando em um capital sociocultural precário (BOF, 2006), sofrendo com o modelo de desenvolvimento do país acarretado pela crise do emprego e pela ausência de políticas públicas específicas para essas populações (KOLLING, 1999), o que gera como consequência a migração. Assim, a vontade das juventudes em sair do campo para a cidade, não é um fenômeno novo no país, porém tem se tornado assunto de interesse de estudiosos que buscam compreender o que impulsiona o desejo de migrar. Para Carneiro (2005), a vontade de migrar é resultado de problemas sociais, já que essa geração quer ter acesso à educação, diferente das anteriores, mas também acesso à renda e ao lazer, o que não tem chegado de forma eficaz ao campo.

Contudo, o campo não está parado. Iniciado em 1997 no 1º Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA), o movimento por uma educação básica do campo revela-se, para Caldart (2012, p. 259), como um “fenômeno da realidade brasileira atual” que tem como protagonista os movimentos e trabalhadores



do campo, com o objetivo de atingir as políticas de educação nacional ao trazer para o debate e para a agenda política do país os interesses e demandas sociais das comunidades que vivem no campo, reolando a necessidade de se pensar o rural e a educação nesse espaço.

A luta pela educação do campo “[...] se trata de um movimento pela renovação da qualidade pedagógica e política [...]” (MUNARIM, 2008, p.01) do conhecimento que chega nesses espaços, é pela valorização da cultura campesina (ARROYO, 1999), do saber camponês, do acesso ao conhecimento contextualizado com as especificidades do campo, por uma educação de qualidade como garantia dos direitos e principalmente como parte da luta pela agricultura familiar camponesa e reforma agrária. Para Paludo (2012), a educação do campo possui identificações com a educação popular, por resgatar em sua proposta educativa algumas de suas concepções, mas também por ter sido protagonizada pelo povo, impulsionada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e apesar da interferência do Estado, revela – se em sua essência como uma luta contra – hegemônica.

Pensar a escola do campo (escola que tem por base a proposta de educação do campo) é partir da concepção que os sujeitos de direitos que ali estão para um processo educativo não são apenas educandos/as, mas jovens, marca necessária para compreender as relações e os sentidos que se constroem no cotidiano escolar.

Mas, o que pensam as juventudes sobre a educação do campo? O estudo busca compreender os significados da educação do campo para as juventudes da Escola João Sem Terra e se ela tem correspondido às demandas e interesses desses sujeitos. Esperamos com a pesquisa promover novos debates e reflexões que possam contribuir com a temática.

Caminhos da pesquisa: dar voz aos jovens, conhecer seus lugares

Por estar no âmbito da pesquisa social busca – se compreender os significados da educação do campo para os/as jovens assentados/assentadas, na tentativa de “reconstruir teoricamente os processos, as relações, os símbolos e significados da realidade social” (MINAYO, 2012, p.14).

Tem como lócus da pesquisa a Escola de Ensino Médio João dos Santos de Oliveira, também identificada como Escola João Sem Terra, que fica localizada no Assentamento 25 de Maio (primeiro assentamento do MST no estado do Ceará, que possui atualmente 25 anos), no município de Madalena, Ceará. Nossos sujeitos são as juventudes da Escola João Sem Terra, educandas/educandos do ensino médio, que a partir de uma técnica quantitativa conseguimos representar a amostra em 73% (133 jovens) do total de jovens da escola, que em relação ao sexo, considerando a porcentagem anterior, são 60% do sexo masculino e 40% do sexo feminino, com idades em maior representação entre 16 anos (29%), 17 anos (26%) e 15 anos (20%).

Adotamos aqui o conceito de juventudes como categoria social, que na perspectiva de Groppo (2000) deve ser assim entendida por ter sido criada por grupos sociais ou por aqueles que se definiam como jovens para dar significados as suas expressões por meio de ações e comportamentos. Compartilhamos com Pais (1996) a concepção de juventude no plural, ou seja, juventudes, por acreditar que não há um conceito único de juventude que possa dá conta das múltiplas realidades e diferentes juventudes.

Elegemos trabalhar com a pesquisa qualitativa, por considerar que “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2011, p.53). Era preciso dá espaço às construções dos sujeitos sobre a sua condição juvenil e existência no campo.

Para coleta de dados utilizamos como técnica o grupo de discussão, fazendo intervenções mínimas e fomentando discussões com base no “como” para proporcionar



reflexão e narração de experiências e não apenas descritivos de fatos (WELLER, 2010). Foram realizados dois grupos de discussão com 18 jovens da turma do 2º ano B do Ensino Médio.

Acrescentamos que utilizamos o questionário, já que assim como Deslandes (1997) acreditamos que as técnicas quantitativas e qualitativas em conjunto não são opostas, mas complementares. A utilização do questionário foi necessária para quantificar algumas informações que pudessem servir para cruzar com os demais dados já fornecidos pela outra técnica.

Os significados da educação do campo para os sujeitos jovens: sonhos e inquietações cotidianas

A Escola João São Terra é para as juventudes uma escola diferente, que se propõe a contribuir com o assentamento, com o campo e com as próprias juventudes. Existe uma relação de esperança e confiança ao compreender que ela foi construída para “mexer” com os/as educandos/as e para contribuir com a nação:

É com grande satisfação / Que vou falar da escola / João dos Santos de Oliveira / Que nos dá educação / A Escola João dos Santos / Trabalha com a educação/ Mexendo com todos nós / Ajudando toda a nação / A Escola João Sem Terra / Trabalha com união / Que faz a reforma agrária Luta de coração (Jovem educanda do 2º ano “B” - Cordel produzido no grupo de discussão)

No discurso da jovem há um reconhecimento da história de luta do assentamento, como também a importância da Reforma Agrária para os camponeses. A ideia desenvolvida pela educanda, que faz uma reflexão sobre a escola revela “[...] a noção de solidariedade, o ideal de um mundo melhor marcado por relações mais igualitárias reaparecem quando discutem o papel social da escola e a importância do estudo em um sentido mais amplo [...]” (DAMASCENO, 2001, p.19).

Outro jovem no grupo de discussão caracterizou a escola como: uma “escola com muitos jovens” (trecho recortado do cordel produzido no grupo de discussão), essa presença juvenil no texto é importante para o reconhecimento dos/as educandos/as como sujeitos que a constitui e que percebem a mesma aberta e interessada em suas demandas: “onde todos podem trazer pra dentro dessa escola seus sonhos, seus desejos suas perguntas, suas dúvidas e suas curiosidades”, trazer os sonhos para a escola é buscar através da mesma os caminhos para a realização desses. “A escola é considerada pela imensa maioria como a primeira e fundamental estação na caminhada, rumo à estação trabalho, que por sua vez conduzirá ao sonho de uma vida com dignidade” (*Ibidem*). Diferentemente de outros contextos já pesquisados onde se revela certa descrença dos jovens na instituição escolar, embora que muitos jovens mesmo não priorizando a escola, ainda assim, desejam concluir os estudos, ter um curso superior (SALES, 2011).

Na Escola João Sem Terra, os/as educandos/as projetam seus sonhos futuros através da educação, que para os/as mesmos/as ganha importância em suas vidas. Em sua maioria (86%) revelam satisfação com a escola, ainda que em menor representação só 47% goste de ficar os dois turnos. Se questionados quanto ao gosto em morar no assentamento 75% diz gostar dentre as justificativas encontramos: “porque nasci e me criei lá”; “é muito calmo”; “não tem muita ladroagem”; “tem grande terra”; “é onde mora minha família”; “tem uma escola muito educadora”; “porque você pode criar animais e na cidade não pode”; “aqui a gente cresce trabalhando”; “por tem assistência de projetos de beneficiamento as famílias”; “aqui as coisas mais fácil”; “a gente não precisa comprar as coisa para comer” (Trechos retirados dos comentários feitos nos questionários). As relações deles/delas com o assentamento possuem peculiaridades que extrapolam a dicotomia campo/cidade, desemprego/emprego:

No campo, os jovens têm trabalho, embora em condições opostas aos seus desejos e sonhos. Para alguns jovens assentados, o campo é o lugar onde



estão enraizadas as suas relações afetivas, onde encontram proteção da família, a companhia dos amigos, onde tem mais tranquilidade, mais segurança e menos violência. (SALES, 2006, p. 139)

Já os que não gostam (20%) apontam: “aqui é muito desanimado”; “é ruim, não tem nenhuma diversão à noite”; “é difícil emprego”; “me sinto preso”; “porque ele não me oferece o que eu realmente quero e são poucas as oportunidades de se qualificar para ter um futuro melhor” (Trechos retirados dos comentários feitos nos questionários).

Ao refletir sobre o cotidiano das juventudes que moram no campo Carneiro (2005) destaca que a vida social desses jovens se reduz muitas vezes aos encontros entre os/as amigos/as e/ou familiares, aos jogos de futebol que costumam acontecer nos fins de semana, o que pode interferir nesse lazer é a proximidade com os centros urbanos onde é possível encontrar alternativas de lazer e ampliar as redes de sociabilidade. A limitação de lazer no campo acaba por gerar uma avaliação negativa e insatisfação, que entre outros fatores podem impulsionar o desejo de migrar.

Desejo que se revela em 58% para os que desejam migrar, 35% os que não desejam e 7% ainda não pensou sobre. Para uma jovem, sair do campo é ir em busca de oportunidades:

Bem, pra estudar eu pretendo ir pra fora, eu não queria sair daqui, mais é por questão de oportunidade. Aqui até tem, mas não exatamente o que eu quero né, se realmente eu pudesse ficava aqui, eu gosto realmente de morar aqui, mas as coisas a gente tem que dá os passos maiores (Trecho da entrevista com a educanda coordenadora de sala).

A vontade de continuar os estudos, fazer uma graduação é expressa em 35% dos/das jovens, mas ainda é perceptível que a noção de sair do assentamento ainda está associada a “procura de um bom emprego”, problemática latente na vida camponesa. Mas, em compensação hoje já se percebe o desejo de ficar, 35% dos jovens já acreditam que dá para ficar no assentamento, e a escola também contribui para isso já que



oferecendo o ensino médio fortalece a continuidade dos estudos das crianças e jovens em seu território, sem ser necessário se deslocar para as escolas de outras regiões. Para Caldart “a escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrentá-los, coletivamente” (2002, p. 24).

O desejo de permanecer e resistir mostra – se como possibilidade, mas para isso é necessário que haja uma dialogo entre as políticas públicas para jovens com a escola do campo, com os movimentos sociais, para que se possam pensar alternativas para uma melhor condição de vida dos novos sujeitos do campo, que são crianças, jovens, que buscam realizar seus sonhos, que dentre eles está o emprego, a renda, o lazer e o consumo.

Desafios para a Educação do campo

A pesquisa pretendeu trazer os significados da educação do campo para as juventudes do Assentamento 25 de maio, para então por meio delas reconhecermos quais os anseios e questões que perpassam a vida desses sujeitos, condições importantes para o rumo da escola do campo e do próprio assentamento.

Os resultados da pesquisa apontam que os significados da educação do campo não são unívocos, mesmo porque os/as jovens tem percursos e perspectivas diversas. Entretanto, o sonho comum é a esperança em ter um futuro, onde haja melhores condições de vida no assentamento.

A educação do campo reforça o valor do campo e a autoestima dos seus educandos/as, quando alimenta sonhos de mudança através da participação ativa na luta pela reforma agrária. Na Escola João Sem Terra os/as educandos/as são motivados a

conhecer e valorizar a cultura camponesa, a construir uma educação colada a sua realidade e a desenvolver projetos que vão além da sala de aula.

A Escola João Sem Terra possui uma grande responsabilidade e um grande desafio: construir junto com os seus/suas educandos/as uma nova proposta de educação que provoque transformação no assentamento e na vida dos/as seus e suas educandos/as. Nesse processo as subjetividades e as heterogeneidades dos/as jovens são consideradas e a cultura camponesa é vivida e reinventada.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

BOF, Alvana Maria (Org.). **A Educação Rural no Brasil**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

CALDART, Roseli Salette. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salette. *et al.* **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 259-273.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. Ipiranga, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. *In*: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Orgs.). **Trajetórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001. p. 09-24.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude:** ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão Isarel José; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação básica do campo.** 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MUNARIM, Antônio. Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção. Minas Gerais. **Anais da ANPED**, 31^a. Trabalhos GT's. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT03-4244--Int.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes. 2012.

MORIN, André. **Pesquisa - ação integral e sistêmica:** uma antropologia renovada. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. *In:* CALDART, Roseli Saete. *et al.* **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012. p. 282 – 287.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações coletivas da juventude no campo político:** um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SALES, Celecina de Maria. Cultura Juvenil e Perspectivas de Futuro de Jovens do Campo do Ceará. Recife. **Anais ALAS**, 2011, Recife. Trabalho GT'S. Disponível em:<http://www.starlinetecnologia.com.br/alas/arquivos/alas_GT22_Celecina_Sales.pdf>. Acesso em: 08 mai. de 2013.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.